

Falar de Maria Felipa é falar de povo, de luta e resistência. Na bela ilha de Itaparica, onde nasceu e cresceu, houve marcada resistência contra os portugueses por parte de camadas populares e oprimidas durante as batalhas de independência do Brasil na Bahia. Liderando um grupo de aproximadamente 40 mulheres, Maria Felipa lutou e criou estratégias de batalha com inteligência e ousadia. Apesar de seu protagonismo, a história não eternizou e valorizou seus feitos como deveriam. A história em si não muda, mas podemos mudar a forma como a vemos para construir um novo futuro. Que a história de Maria Felipa, mulher, negra, pescadora, ganhadeira, capoeirista, filha de Iemanjá e Xangô e heroína itaparicana inspire cada um de nós na construção de um país mais justo.

LÍVIA PRATA é designer e ilustradora carioca. Esse livro é resultado do seu amor pelas manifestações culturais do nordeste do Brasil e da vontade de contar as histórias de mulheres incríveis.

*"Seus feitos foram muitos,
Deveriam estar nos livros de história,
Mas nunca é tarde,
Em se fazer justiça,
Até lá e na Ilha,
A tradição Itaparica,
Onde se canta esta canção."*

CELSO XAVIER MARQUES

MARIA FELIPA

UMA HEROÍNA BAIANA



MARIA FELIPA

UMA HEROÍNA BAIANA



Lívia Prata
texto & ilustrações

MARIA FELIPA

UMA HEROÍNA BAIANA

à **Maria Helena,**
minha heroína



ERA UMA TARDE QUENTE NA ILHA DE ITAPARICA, localizada no coração da Baía de Todos os Santos, cercada por um mar de águas tranquilas e por lindos recifes de corais em toda a sua extensão. Daí vinha o seu nome em tupi, que significa "cerca de pedra". Nas praias e matas a variedade era imensa, com coqueiros gigantes, bananeiras, limoais, cajueiros, mangueiras e o doce perfume de frutas, flores e ervas. Os mangues da ilha fervilhavam com vida: mariscos, ostras, sernambis, aratus e caranguejos em profusão. Diversos outeiros tornavam a ilha praticamente um forte, de onde se podia observar o navegar dos barcos pelo mar.

Nascida na rua da Gameleira, Maria Felipa morou durante algum tempo na Beribeira e agora morava no Arraial da Ponta das Baleias, em um casarão chamado de "Convento", onde alugava um quarto. Localizado na Vila de Itaparica, o Convento era uma residência de trabalhadores, onde se alojavam pescadores, carpinteiros, ferreiros, dentre outros. Juntos formavam uma comunidade, onde ninguém tinha nada seu e muito menos onde cair morto, mas tinham uns aos outros.





Maria Felipa retirou a rede e agradeceu a Iemanjá por ter lhe permitido entrar em sua casa e garantir o seu sustento. O trabalho só havia começado: agora era preciso colocar toda a pesca do dia em um barco para abastecer o Recôncavo. Conhecia a ilha como a palma da sua mão. Os melhores lugares para pesca, onde melhor se esconder, onde atacar. Tudo isso era de muita utilidade para criar estratégias contra os portugueses, e a tornava uma liderança importante na comunidade. O respeito que possuía vinha da sua coragem e da sua capacidade, e também por ser solidária e cuidadosa. Não abandonava ninguém em luta, estava sempre atenta as necessidades de todos e não tinha medo de defender a ilha e as pessoas que tanto amava.

Sua figura era impactante: alta, corpulenta, energética. Costumava usar batas bordadas na cor branca, saias rodadas, turbante, torço e chinelas. Quando necessário, amarrava a saia nas pernas e lutava com golpes de capoeira. Era comum vê-la com os cabelos revoltos, a camisa descaída e as costas lavadas de suor agitando-se à

frente da turba. Junto com as suas companheiras, aproveitava-se dessas vestes para esconder armas, principalmente as peixeiras que utilizavam em seu trabalho. Folhas de espinhos também eram ocultas junto à flores e outras folhas comuns, fazendo com que parecessem estar apenas enfeitadas. Ela tinha a fé dos seus antepassados, a fé do candomblé dos orixás, dos caboclos escondidos nas matas. Uma fé injustiçada, que não se podia declarar em público, praticada clandestinamente.

Apesar de todas as suas belezas, a ilha, no momento, não era um paraíso para se viver. As notícias vindo de Salvador não eram boas: a coroa portuguesa, em uma atitude autoritária, ordenou ao tenente-coronel português Inácio Luis Madeira de Melo que ocupasse o cargo de Governador das Armas da Bahia, passando por cima do atual ocupante do cargo, Manuel Pedro de Freitas, que não aceitou transmitir o cargo sem ser notificado formalmente pelo governo. O governo português propôs um acordo, que também não foi aceito, e as tropas de Madeira de Melo iniciaram um confronto em Salvador. Manuel Pedro de Freitas acabou preso e aproximadamente 300 pessoas morreram, entre elas a Abadessa Sórora Joana Angélica, que tentara impedir a entrada dos soldados portugueses no Convento da Lapa.

A morte violenta da Sórora, abatida com um tiro de baioneta, causou comoção na cidade de Salvador, que logo se espalhou pelo Recôncavo. Era revoltante a tirania dos soldados portugueses

culminar no arrombamento de um convento e assassinato de uma religiosa. Ao tomarem conhecimento da notícia, Maria Felipa e suas companheiras se encontraram em estado de tristeza, e a vontade de justiça inflamou-se na ilha de Itaparica.

Maria Felipa, então, alistou-se como voluntária na Campanha de Independência, que vinha organizando a resistência na ilha. E passou a conciliar a luta contra os portugueses com o seu trabalho de marisqueira, pescadora - participando da pesca de baleias - e ganhadeira durante as tardes de verão, vendendo quitutes.

E as mulheres ganhadeiras se uniam e se apoiavam, pois pelos outros eram só toleradas; juntas eram responsáveis por alimentação em tempos de escassez e muitos outros serviços, e faziam o que podiam para ir cada vez mais longe do lugar social destinado à elas. E juntas cantavam, chamando os fregueses.



CHEGUE SENHORAS E SENHORES



TODOS QUE QUEIRAM COMPRAR



SOU UMA GANHADEIRA





Naqueles tempos de conflito, muitos barcos inimigos navegavam pelo Recôncavo. Para monitorar esses barcos, Maria Felipa e suas companheiras formaram um grupo chamado de Vedetas. A função delas era de sentinela: noite e dia patrulhavam as matas, os manguezais, as praias e todos os caminhos da ilha, inclusive subindo em outeiros como o do Balaústre e o da Josefa, mais próximos aos campos de guerra. Levando tochas acesas feitas de palha de coco e chumbo, identificavam portugueses que desciam dos barcos à noite para saquear a vila (interceptando principalmente alimentos) e também para lutar. Maria Felipa liderava este grupo e também se encarregava de repassar informações sobre a guerra para companheiros de luta em Salvador, a bordo de uma jangada.




Os brasileiros viviam em estado de alerta, temendo que os portugueses se reunissem para atacar. Além da vigilância da vedetas, haviam os que dormiam em barcos ancorados distantes das praias. Diariamente, informações sobre os planos dos portugueses eram trazidas.

Na madrugada de 10 de julho de 1822, a vila foi atacada. A povoação ficou toda erma, e regada de sangue; as brenhas orvalhadas de lágrimas e cobertas de ais e gemidos; todos desvairadamente buscaram fugir ao desmedido furor dos inimigos. Maria Felipa e suas companheiras cuidaram dos feridos. O objetivo deste ataque era tomar a Ilha, ou naquele mesmo dia, ou em outras batalhas, pois chegara aos ouvidos de Madeira de Melo que havia uma resistência insulana organizada.

Devido ao ataque, os insulanos seguiram até Cachoeira, mas retornaram no dia 13 de agosto. Não contavam que no caminho iriam travar mais uma batalha no Estreito do Funil, da qual saíram vitoriosos. Entusiasmados com a reconquista da Ilha, prometeram mantê-la em seu poder, custe o que custar. Para isso levantaram proteções e trincheiras por todo o litoral.

Porém, um mês depois, foi solicitado o retorno dos combatentes de Itaparica à Cachoeira por parte de uma Junta da Independência, prontamente negado. "A Ilha é nossa e daqui não há quem nos obrigue a sair", foi a resposta.

Então, um tempo depois, uma canhoneira inimiga chegou à ilha.

The illustration features a woman on the left with long, dark, curly hair, wearing a yellow-orange top and a matching skirt with a dark, fringed waistband. She holds a large, double-headed axe with a white head and a decorated handle. To her right is a man in profile, wearing a black top hat and a dark, buttoned coat. The background is a vibrant red, with a stylized, fiery orange and yellow shape on the right side. The overall style is reminiscent of a children's book illustration.

A canhoneira Dez de Fevereiro se aproximou da praia de Manguinhos. Contava com 180 marinheiros e 26 peças. Com o apoio da trincheira construída nesta praia, os insulanos atacaram. Logo pela manhã, com o raiar do sol, um vivo e inesperado fogo tomou conta da canhoneira e forçou as demais embarcações inimigas a bater em retirada, deixando a baía do Recôncavo livre.

À noite, D. Pedro I foi aclamado na Ponta das Baleias como príncipe regente e o povoado festejou com tochas acesas e fogueiras nas praias.

Madeira de Melo reagiu ao festejo e enviou uma verdadeira ofensiva à ilha, composta de várias embarcações. O confronto marítimo durou metade de um dia, até que os insulanos devastaram a barca Constituição. Maria Felipa se destacou durante esta batalha junto à suas companheiras de luta, pois sua coragem foi admirada por todos como a de uma grande guerreira, assistida pela força e senso de justiça de Xangô. As batalhas marítimas prosseguiram contra os portugueses e a cada uma delas, as defesas da ilha eram reforçadas.

Enquanto isso em Salvador, um cerco era formado. O alimento era escasso, pois todas as rotas que os traziam estavam bloqueadas. Os portugueses entenderam o erro de não terem direcionado esforços para dominar Itaparica o quanto antes. Além de rota dos alimentos, Itaparica passou a ser a principal rota das comunicações entre os batalhões patrióticos e D. Pedro I.

Sem saída, no dia 6 de janeiro de 1823, a esquadra de Madeira de Melo saiu de Salvador em direção à Itaparica. As embarcações estavam em pontos diversos da ilha: as de guerra em Manguinhos e uma barca grande circulava pelo mar vigiando a ilha. Os insulanos fizeram o mesmo, e as Vedetas observaram vários pontos da ilha e contaram cerca de 40 embarcações. Então, ficaram de tocaia, armados, enquanto os barcos lusitanos avançavam cada vez mais.

Maria Felipa reuniu seu grupo, que também eram chamadas de mulheres guerreiras, para criar novas estratégias de batalha. Com tantos barcos, como se aproximar do inimigo? Na beira de um rio, morada de Oxum, veio a solução: o uso de uma estratégia diferente, com armas não convencionais. Tal como Oxum, as armas do grupo seriam astúcia e sedução. E também folhas de cansaço, bebidas e tochas improvisadas.



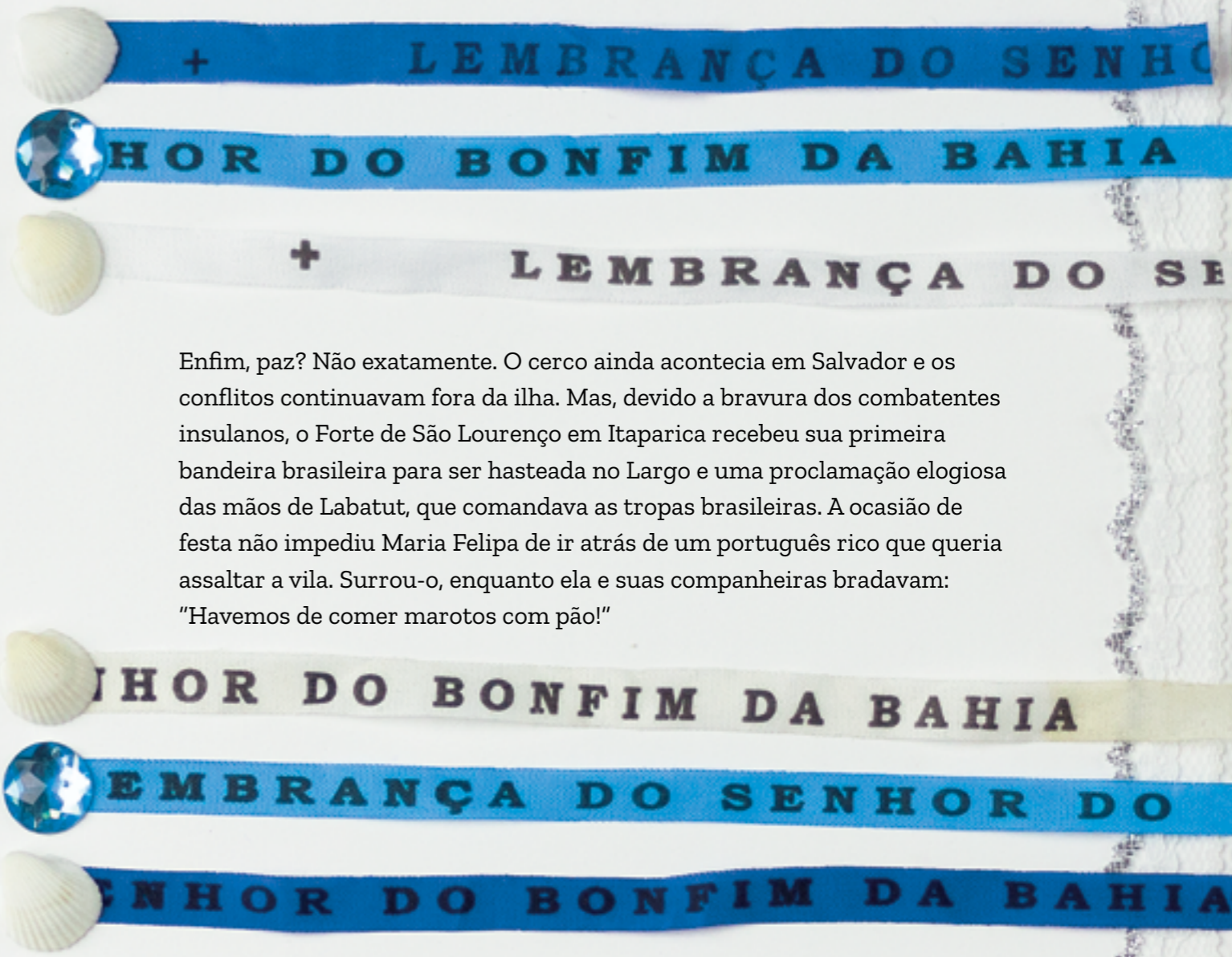


As folhas de cansanção eram as folhas de espinho que utilizavam presas à saia, disfarçadas no meio de flores e folhas comuns. Eram uma espécie de urtiga muito perigosa: em contato com a pele causavam queimaduras fortes.

Os portugueses estavam atacando as praias e, quando o grupo de 40 mulheres lideradas por Maria Felipa se aproximou, eles não viram ameaça, pois não conheciam o perigo das folhas. As mulheres, supostamente apenas enfeitadas, ofereceram bebida aos soldados e os seduziram para, então, surrá-los com os galhos de cansanção. Pegos de surpresa, não imaginavam que elas também possuíam as tochas feitas de palha de coco, pólvora e chumbo, que foram jogadas por elas nos barcos, incendiando-os.

Essa estratégia criada por Maria Felipa deixou a Ponta das Baleias em fogo vivo e pela manhã o litoral estava ainda coberto de fumaça. A luta continuou e, ferozmente, Maria Felipa lutou na praia do Convento com suas companheiras até que os soldados lusitanos deixaram Itaparica em 9 de janeiro.





Enfim, paz? Não exatamente. O cerco ainda acontecia em Salvador e os conflitos continuavam fora da ilha. Mas, devido a bravura dos combatentes insulanos, o Forte de São Lourenço em Itaparica recebeu sua primeira bandeira brasileira para ser hasteada no Largo e uma proclamação elogiosa das mãos de Labatut, que comandava as tropas brasileiras. A ocasião de festa não impediu Maria Felipa de ir atrás de um português rico que queria assaltar a vila. Surrou-o, enquanto ela e suas companheiras bradavam: "Havemos de comer marotos com pão!"

Em abril, enquanto Maria Felipa e suas companheiras estavam se preparando para ir ao Recôncavo, receberam a notícia de que barcas portuguesas pretendiam desembarcar na foz do rio Paraguaçu. Ao chegar, já haviam outras mulheres combatendo com água até a altura dos seios e uma figura se destacava entre todas.



Era uma pessoa de cabelos curtos, armada e vestida como um soldado. Após conseguirem expulsar com sucesso os portugueses da foz, Maria Felipa foi ter com aquela curiosa figura e descobriu que se tratava de Maria Quitéria, integrante do Batalhão dos Periquitos. Ela havia fugido de casa para se alistar como voluntária, fingindo-se de homem utilizando as roupas e o sobrenome do cunhado. Foi descoberta, mas continuou no batalhão. Possuía um ótimo manejo das armas e imensa coragem e disciplina.

Após os conflitos na ilha cessarem, as tropas de Madeira de Melo, já bastante reduzidas, não resistiram muito tempo. O cerco havia se acirrado ainda mais. A cidade de Salvador estava completamente isolada e já não havia como continuar com os planos da coroa portuguesa. Madeira de Melo propôs um acordo de cessar fogo, que só seria aceito após a capitulação, sem direito a acordo. Dessa forma, as tropas portuguesas abandonaram definitivamente Salvador em 2 de julho de 1823.





MARIA FELIPA DE OLIVEIRA

nasceu de pais escravizados e nesta condição permaneceu até conseguir sua liberdade. Sua origem, provavelmente, era sudanesa. Com base nesses fatos, e nos relatos de moradores da Ilha de Itaparica, pautando-se na história oral e não na oficial, Filomena Orge construiu o retrato ao lado, por não existir um retrato oficial da heroína.

O texto desse livro foi baseado principalmente no livro de Eny Kleyde Vasconcelos Farias "Maria Felipa de Oliveira - Heroína da Independência da Bahia" e no romance histórico de Xavier Marques "O Sargento Pedro - Tradições da Independência", além de outras fontes encontradas em extensa pesquisa sobre a vida da insulana.



Este livro foi composto na
tipografia Zilla Slab e impresso
em papel couché fosco 150g/m²
pelo Trio Studio.